

A Resposta de Jesus à Oposição (5:17-47)

O FILHO E O PAI (5:17-23)

¹⁷Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. ¹⁸Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

¹⁹Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz. ²⁰Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis. ²¹Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer. ²²E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento, ²³a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.

Versículos 17 e 18. Uma análise da resposta de Jesus à oposição judaica indica que Jesus pode ter operado esse milagre intencionalmente no sábado, a fim de provocar uma contenda com os judeus. O homem era paraplégico há trinta e oito anos (5:5). Se Jesus não quisesse causar polêmica, ele poderia facilmente ter esperado mais um dia, até a festa terminar, para curá-lo. Jesus instruiu claramente o homem a tomar o seu leito (5:8), o que era uma violação direta das tradições sabáticas dos judeus. Por que o homem precisava carregar seu leito? Isso só seria necessário se Jesus quisesse provocar as autoridades judaicas. Jesus reencontrou o homem nas dependências do templo e, ao que tudo indica,

disse-lhe quem era justamente para que ele fosse contar aos judeus (5:14, 15).

Em Marcos 2:27 e 28, quando questionado sobre sua atitude para com o mandamento do descanso no sétimo dia, Jesus se defendeu dizendo: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”. Em João 5:17, Jesus respondeu: **Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.** Jesus reafirmou que o seu ato no sábado era coerente com o descanso sabático prescrito por Deus (Gênesis 2:2, 3; Hebreus 4:4). Após a obra da criação, Deus descansou no sétimo dia; mas continuou a sustentar o universo. Deus trabalha constantemente, mas isso não significa que ele mesmo viole o sábado. D. A. Carson disse que entre os rabinos havia o consenso de que “Deus trabalha no sábado, porque, do contrário, a própria providência semanalmente entraria em suspensão”¹. Filo, um judeu que falava grego, negou que Deus alguma vez tivesse parado de trabalhar: “Deus não cessa de fazer coisa alguma; porém, assim como é propriedade do fogo queimar e da neve esfriar, é propriedade de Deus criar”².

Tendo atestado que Deus está sempre trabalhando, Jesus acrescentou que ele também trabalhava continuamente. Ele poderia ter objetado que a interpretação judaica do sábado estava incorreta. Afinal, a proibição de Deus de executar trabalho no sábado dizia respeito a trabalhos realizados normalmente nos outros seis dias da semana. Esses trabalhos não se comparavam ao que Jesus havia feito ao curar o paraplégico. A cura foi uma obra de misericórdia e condizia com o princípio de que

¹D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 248.

²Filo, *Interpretação Alegórica*, I 3 [5b].

o sábado foi feito para o homem (Marcos 2:27). O Filho de Deus não fez nenhuma objeção, mas relacionou sua atividade com a de Deus. O problema não era tanto a convicção de que Deus trabalhava no sábado, e sim a alegação de Jesus de que ele podia fazer o que Deus fazia.

A alegação de que era certo para ele [Jesus] trabalhar no sábado porque Deus trabalhava no sábado foi bastante ofensiva para os judeus. E mais ofensiva ainda foi a maneira como Jesus fez essa alegação, referindo a Deus como “meu Pai”. Os judeus podiam dizer “nosso Pai” nos cultos nas sinagogas ou até “meu Pai”, em orações privadas e juntamente com a expressão “[que está] no céu” para moderar a intimidade. No entanto, Jesus alegou que Deus era *seu próprio Pai*, expressando um relacionamento único e até exclusivo entre ele e o Pai. Este versículo é o catalisador para o discurso que compõe o restante do capítulo.

Os judeus entenderam esse ponto. Uma coisa era Jesus violar as restrições do **sábado**, outra era chamar **Deus de seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus**. Caso Jesus não tivesse a intenção de dizer exatamente isso, ele teria corrigido os judeus imediatamente – porém não o fez. Jesus era Deus (1:1), e sua defesa deixou isso claro. A alegação era nada menos que blasfêmia na mente judaica, e essa acusação foi acrescentada à de violar o sábado. Essas duas transgressões constituíram a razão por que **os judeus ainda mais procuravam matá-lo**. Esta é a primeira referência em João à conspiração para matar Jesus, mas não será de modo algum a última (veja 7:19, 25; 8:37, 59).

Versículo 19. A resposta de Jesus mudou a conversa de um diálogo para um monólogo; e assim permaneceu pelo restante do capítulo, em que ele esclareceu o sentido de alegar ser igual a Deus. A resposta do Senhor começou com a fórmula: **Em verdade, em verdade vos digo**³, acrescentando solenidade e autoridade ao que ele diria a seguir (veja os comentários sobre 1:50, 51). Em vez de exercer um papel independente, Jesus disse que **o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai**. Ao “fazer-se igual a Deus”, Jesus não estava de modo algum declarando independência de seu Pai. Raymond E. Brown observou:

³ Esta afirmação ocorre frequentemente em João, sendo esta é a quinta ocorrência (veja 1:51; 3:3, 5, 11).

No v. 19, Jesus diz às autoridades judaicas que não há nada de arrogante no que ele disse. Ele não é um filho rebelde que se apresenta como rival do Pai; pelo contrário, é completamente dependente do Pai e nada alega por si mesmo.⁴

Jesus, o Filho único de Deus, ocupa um papel de completa submissão ao Pai. “Compete ao Pai iniciar; compete ao Filho obedecer. Compete ao Pai mostrar ao Filho o que fazer; compete ao Filho seguir o exemplo do Pai.”⁵

Em sua resposta, Jesus pressupôs o relacionamento comum entre pai e filho. Em geral, um filho judeu crescia como aprendiz da profissão praticada pelo pai. Se o pai fosse oleiro, o filho aprenderia por imitação e faria o que viu o pai fazer. A diferença quando aplicada a Jesus é que ele fazia o que o Pai fazia em virtude de ser da mesma natureza que o Pai, não meramente por imitar o comportamento do Pai. Com o tempo, um pai terreno confiaria a seu filho as responsabilidades que um filho fiel cumpriria. Duas responsabilidades que Deus delegou a seu Filho são expostas neste contexto: vivificar (5:21) e executar julgamento (5:22).

Os versículos 19 a 23 são estruturados em torno de quatro usos da conjunção grega γάρ (*gar*, “pois”, “porque”)⁶. O primeiro uso introduz a última parte do versículo 19: **porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz**. É impossível para o Filho agir por conta própria contra o Pai, como se o Pai fosse algum outro deus; qualquer ação autodeterminada de Jesus seria uma negação de sua filiação.

Versículo 20. O segundo uso de *gar* leva a uma explicação de como o Filho tem poder para fazer tudo o que o Pai faz: **Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz**. Que “o Pai ama o Filho” já foi mencionado em 3:35 com o verbo ἀγαπάω (*agapaō*), enquanto aqui o verbo empregado é φιλέω (*fileō*). Há pouca diferença de significado entre os dois, como ilustram 11:3, 5 e 36. Porque o Pai ama o Filho, ele continuamente mostra ao Filho todas as coisas que faz; e está implícito que o Filho, por amor ao Pai, faz as coisas que lhe são mostradas. Esta verdade é declarada explicitamente em

⁴ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (i-xii)*, The Anchor Bible, vol. 29. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966, p. 218.

⁵ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 128.

⁶ Carson, p. 252. Estes comentários sobre as distinções entre as frases iniciadas por *gar* baseiam-se amplamente em Carson.

14:31. Além disso, Jesus declarou que o Pai **maiores obras do que estas lhe mostrará** (como a cura do paraplético). Se o povo já estava atônito, o que veriam em breve causaria ainda maior admiração.

Versículo 21. O terceiro uso de *gar*, “pois”, introduz uma ilustração da verdade articulada em 5:19 e 20. O Filho faz tudo o que o Pai faz, baseado na iniciativa de Deus. Em nenhum lugar isso é mais claro do que aqui: **Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.** No pensamento judaico, Deus e só Deus poderia exercer a prerrogativa divina de ressuscitar e vivificar os mortos (veja Deuteronômio 32:39; 1 Samuel 2:6; 2 Reis 5:7). Desse modo, isto não surpreendia a mente judaica, tampouco era, para eles, impensável que Jesus fosse um instrumento de Deus como Elias ou Eliseu. O que os surpreendeu foi que Jesus alegou ter uma autoridade paralela para vivificar a quem quisesse. Não é possível saber se Jesus estava se referindo em 5:21 à ressurreição dos mortos ou à vida espiritual que será desfrutada pelos que lhe obedecem. Ambas são mencionadas no contexto (5:24, 25, 28, 29; veja 3:15, 16, 36).

Versículos 22 e 23. O versículo 22 começa com a quarta e última ocorrência de *gar*, traduzida na RA por “e”: **E o Pai a ninguém julga.** Deus era considerado pelos judeus “o Juiz de toda a terra” (Gênesis 18:25; veja Salmos 67:4; 94:2). Agora Jesus estava alegando ter autoridade não só para dar vida, mas também para executar o juízo final. Jesus disse que o Pai não julga a ninguém, mas **ao Filho confiou todo julgamento.** O fato de o Pai conceder ao Filho autoridade para executar o supremo julgamento não significa que o Pai abandonou toda a participação no julgamento; na verdade, o Filho exerce o julgamento que o Pai deseja. Em suma, embora Deus julgue todas as pessoas (Atos 17:31; Romanos 2:16; 3:6; 14:10; Hebreus 12:23), ele o faz por meio do Filho (Atos 10:42; 17:31; 2 Coríntios 5:10; 2 Timóteo 4:8). A concessão do julgamento ao Filho pode, à primeira vista, parecer incoerente com 3:17, que diz que “Deus não enviou o Filho ao mundo para julgar o mundo”. F. F. Bruce forneceu talvez a solução mais satisfatória ao chamar a atenção para o duplo sentido do substantivo grego κρίσις (*krisis*) – “discriminação e condenação”⁷. Quando Jesus veio, havia, assim como agora, discriminação entre os que receberam a luz por crer

⁷Bruce, p. 132.

em Jesus e os que rejeitaram a luz por não crer nele. O primeiro grupo receberá vida e não será condenado; o segundo grupo já está condenado (veja 3:16–18). Segue-se, então, que Deus não enviou seu Filho ao mundo para “condenar” o mundo, mas para salvá-lo. No entanto, o efeito da vinda de Jesus sobre aqueles que não o recebem é o julgamento (condenação). Como mostraria Jesus na sequência, rejeitar o Filho incorrerá em um julgamento final no último dia (5:28, 29).

Jesus afirmou que o Pai confiou o julgamento ao Filho **a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai.** A ênfase desta declaração de Jesus está na unidade do Pai e do Filho. A hora devida a um é devida ao outro. Os profetas foram enviados como porta-vozes de Deus, pois falaram em nome de Deus. Reconhecê-los era reconhecer o próprio Deus. Inversamente, deixar de reconhecê-los seria deixar de reconhecer a Deus. Semelhantemente, o Pai delega autoridade ao Filho; o Filho exerce essa autoridade. Tão próximos estão o Pai e o Filho que não se pode rejeitar o Filho e, ao mesmo tempo, honrar o pai. Os judeus acreditavam que podiam fazer isso, mas estavam errados.

O FILHO E OS HOMENS (5:24–29)

²⁴Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. ²⁵Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão. ²⁶Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. ²⁷E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem. ²⁸Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: ²⁹os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Versículo 24. Este versículo transita do relacionamento do Pai com o Filho para o relacionamento do Filho com a humanidade. A ênfase desta seção é a mesma da passagem anterior: a unidade do Pai e do Filho. Jesus usou o tempo presente aqui, mas, na segunda metade de 25 e em 28 e 29, ele falou do seu relacionamento com a humanidade

projetando-o para o futuro. Aqui, assim como no versículo seguinte, Jesus iniciou a frase com a fórmula solene: **Em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51). Então, acrescentou: **quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo.** Quem tem vida eterna é quem ouve a palavra de Jesus e crê no Pai. “Palavra” abrange toda a mensagem de Jesus ao mundo. Ouvir a palavra de Jesus inclui expressar fé e obediência. Obviamente, só ouvir sons audíveis ou concordar mentalmente não é suficiente para receber a bênção. A fé que salva é demonstrada em atos de obediência (veja Hebreus 11:30). A palavra que Jesus anunciava não procedia de sua própria autoridade, mas da autoridade do Pai. Ouvir a palavra de Jesus é demonstrar fé no Pai que o enviou e por cuja autoridade Jesus falou enquanto esteve na terra.

Aqueles que dão ouvidos ao Filho e ao Pai têm vida eterna. A expressão “vida eterna” ocorre quinze vezes em João⁸. João escrevera no prólogo: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens” (1:4). Jesus é “a Palavra da Vida”, “a vida” e “a vida eterna que estava com o Pai” (1 João 1:1, 2). Essa vida (Jesus) veio para que os homens tivessem vida e a tivessem em abundância (10:10). João 5:24, ao afirmar que quem ouve o Filho e o Pai **passou da morte para a vida**, indica que a expressão “vida eterna” está no sentido espiritual. Semelhantemente, os cristãos de Éfeso que antes estavam mortos em suas transgressões foram “vivificados” em Cristo (Efésios 2:5).

Alguns comentaristas, a respeito da exposição acima, concluíram que João não falava de uma vida futura, mas da vida como uma dádiva do presente num sentido *qualitativo*. Vem a hora em que os mortos ouvirão a voz de Jesus e *viverão* (5:28, 29); entretanto, essa mesma vida é descrita como a “vida eterna” que o cristão “tem” desde já (5:24). “Eterna” (αἰώνιος, *aiōnios*) significa essencialmente “pertinente a uma duração de tempo ilimitada”.

O uso mais frequente de αἰώνιος no [Novo Testamento] é com ζωή “vida”, por exemplo, ἵνα πᾶς ὁ πιστεύων ἐν αὐτῷ ἔχη ζωὴν αἰώνιον, “para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna” (João 3:15). Em combinação com ζωή há evidentemente não só um elemento temporal, mas também uma distinção qualitativa. Em tais

⁸ Veja João 3:15, 16, 36; 4:14; 5:24, 39; 6:27, 40, 47, 54, 68; 10:28; 12:50; 17:2, 3. “Vida eterna” aparece em 4:36 e 12:25. Uma declaração semelhante aparece em 6:57.

contextos, αἰώνιος evidentemente carrega certas implicações associadas a αἰώνιος em relação aos atributos divinos e sobrenaturais.⁹

A bênção da “vida eterna” que o crente obediente recebe é “uma novidade de vida qualitativamente relacionada com a vida do próprio Deus (2 Pedro 1:4, ‘coparticipantes da natureza divina’)”¹⁰. Stewart D. F. Salmond, semelhantemente, disse que “‘eterno’ é um termo qualitativo, não quantitativo”, sendo “usado não para acrescentar à ‘vida’ a ideia de *perpetuidade*, mas para expressar mais plenamente a qualidade pertinente à própria ‘vida’”¹¹.

Outros chamam a atenção para passagens que falam da “vida eterna” não como uma dádiva do presente, mas como algo reservado para o futuro e num sentido *quantitativo*¹². Paulo, ao falar do juízo final em Romanos 2:6–8, disse que Deus “retribuirá a cada um segundo o seu procedimento”. Aos obedientes, a recompensa será a vida eterna; aos desobedientes, o castigo será a ira e a indignação. Paulo também falou da “esperança da vida eterna” (Tito 1:2). Visto que ninguém possui no presente aquilo que espera (Romanos 8:24, 25), essa “vida eterna” deve estar no mundo vindouro. Paulo também disse que “a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e *da que há de ser*” (1 Timóteo 4:8; grifo meu). Jesus disse que seus seguidores desfrutavam de bênçãos nesta vida e “no mundo por vir, a vida eterna” (Marcos 10:29, 30).

Quem ouve o Filho e o Pai tem a vida eterna. Tem a certeza de que “não entrará em juízo”. Esse juízo ou julgamento está reservado aos que não ouvem o Filho nem creem que o Pai enviou seu Filho para salvá-los.

Versículo 25. Novamente, Jesus iniciou a fala com a fórmula solene: **Em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51), indicando a importância do que ele diria a seguir. Embora este versículo seja semelhante a 5:28, levando o leitor a pensar que Jesus se referia à ressurreição dos mortos no último dia, a frase **e já chegou** e a

⁹ Johannes P. Louw e Eugene A. Nida, eds. *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, vol. 1. Nova York: United Bible Societies, 1988, p. 642.

¹⁰ J. W. Roberts, *The Letters of John*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1968, p. 27.

¹¹ Stewart D. F. Salmond, *The Christian Doctrine of Immortality*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1895, p. 490.

¹² Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, pp. 105–6.

ausência da menção de túmulos indica que Jesus não estava falando da ressurreição física aqui. Ele falava da vivificação espiritual dos que estão espiritualmente **mortos**. Sem Jesus, o qual é a vida e no qual há vida, todos os seres humanos estão mortos. É somente por causa da graça, misericórdia e amor de Deus que, “estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo” (Efésios 2:5). Como isso é possível? Quando os espiritualmente mortos **ouvirem**¹³ a palavra que vivifica, eles serão ressuscitados da morte espiritual. Isaías 55:3 diz: “Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá...” (veja João 6:44, 45). Paulo descreveu bem esse conceito quando falou de sepultar o velho homem do pecado por meio do batismo e ser ressuscitado para “andar em novidade de vida” (Romanos 6:3–6). Jesus continuou dizendo que **a voz do Filho de Deus** invocará os mortos. Ele usou o título “Filho de Deus” apenas aqui e em 10:36 e 11:4. Embora “Filho” seja muito comum, a autodesignação preferida de Jesus era “Filho do Homem” (veja os comentários sobre 1:50, 51).

Versículos 26 e 27. Somente o Deus infinito, eterno e não criado possui inerentemente **vida em si mesmo**. Porque Deus existe por si mesmo, ele sempre foi, é e sempre será o Deus vivo. “Os seres humanos, assim como todas as outras coisas vivas, não possuem vida em si mesmos; a vida humana provém de Deus, a fonte e sustentação de toda a vida”¹⁴. O **Pai** concedeu somente ao **Filho** ter **vida em si mesmo**. Segue-se que o Filho tem o mesmo tipo de “vida em si mesmo” que o Pai tem. A vida está no filho. Este é um pensamento recorrente no Evangelho de João e em suas epístolas (veja 1:4; 1 João 5:11).

Devido ao fato de o Pai conceder que o Filho tenha vida em si mesmo, o Filho tem **autoridade para julgar** e ressuscitar os mortos. De acordo com 5:22, o Pai concedeu autoridade ao Filho para julgar, por causa dessa filiação. A seguir, mais uma razão para Jesus possuir esse poder é apresentada: **porque é o Filho do Homem**. Até este ponto, a designação “o Filho” apontava para a expressão “o Filho de Deus” (veja 5:25); mas em 5:27 a autoridade de Jesus para julgar é fundamentada no fato de ser ele “o Filho do Homem”. Normal-

mente, essa expressão contém artigos definidos acompanhando “Filho” e “Homem”; no entanto, os artigos estão ausentes aqui. Esse uso leva alguns estudiosos a pensar que a humanidade de Jesus está sendo enfatizada como o que o qualifica para julgar. A humanidade sozinha não poderia qualificar o Filho para atuar como juiz, pois essa condição qualificaria todos os seres humanos. “É... mais provável que a expressão deva ser considerada um título oficial do Messias (com base talvez em Daniel 7:13), não exigindo, assim, os artigos.”¹⁵ Esta é a maneira mais frequente de Jesus se referir a si mesmo (veja os comentários sobre 1:50, 51), e esse *status* provê uma base sólida para Deus lhe conceder autoridade para julgar o mundo. No registro da visão de Daniel, lemos:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído (Daniel 7:13, 14).

É justo dizer que Jesus recebeu autoridade para julgar por duas razões: 1) foi-lhe dada essa responsabilidade como “o Filho do Homem” e 2) ele mesmo era humano e compartilhou da experiência da condição humana.

Versículos 28 e 29. No versículo 28, as palavras **vem a hora** não estão acompanhadas do complemento “já chegou”, como em 5:28. A **voz** do Filho de Deus que ressuscita os que estão espiritualmente mortos para uma novidade de vida é a mesma voz poderosa o suficiente para ressuscitar os mortos de seus **túmulos** no último dia (veja 6:40, 54). O texto prevê uma ressurreição geral e um julgamento geral. A **ressurreição** é *universal* – incluindo tanto os que fizeram o **bem** quanto os que praticaram o **mal** – e *simultânea*. Daniel predisse esse dia: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Daniel 12:2)¹⁶.

¹⁵ Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 94.

¹⁶ Pode-se argumentar que Daniel 12:2 deve ser entendido num sentido partitivo, isto é, “muitos” dos que dormem acordarão, mas não “todos”; entretanto, não é incomum uma parte ser tomada como o todo nas Escrituras (veja Isaías 53:12). Além disso, se fosse considerado partitivo, contradiria outras passagens, como a que está sendo considerada, que são explícitas (veja Atos 24:15).

¹³ Novamente, entende-se que ouvir inclui uma fé demonstrada por obediência à vontade de Deus.

¹⁴ Bruce, p. 132.

Os justos e os injustos serão ressuscitados, e na mesma “hora”. O fato de que a ressurreição será universal e simultânea exclui qualquer possibilidade de duas ressurreições, como afirma a doutrina do pré-milenismo¹⁷. A ressurreição mencionada por Jesus é para *todos* e ocorrerá em uma *hora* específica¹⁸. Os que tiverem cometido bons atos ressuscitarão para entrar na **vida** eterna, ao passo que os que tiverem cometido atos maus ressuscitarão para o **juízo**. Isto não quer dizer que a salvação se baseia em boas obras ou atos. Como já vimos, os únicos que têm vida espiritual são os que ouvem a voz do Filho de Deus (5:25), e esse ouvir implica crer e obedecer, o que resulta em vida eterna. A vida de cada indivíduo é um teste de sua resposta ao Filho. As boas obras ou atos de um indivíduo são por causa desse incrível dom de Deus (Romanos 6:23), e cada um será recompensado por sua fé obediente através da ressurreição da vida. Aqueles que não ouvem a voz do Filho já estão condenados (3:18) e serão punidos.

AS TESTEMUNHAS A FAVOR DE JESUS (5:30–47)

O Próprio Jesus (5:30–32)

³⁰Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou. ³¹Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. ³²Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim.

Versículo 30. Este é um versículo de transição em que Jesus começou a falar de si mesmo na primeira pessoa (usando “eu”, “me”, “mim” nove vezes em 5:30–32) em vez de na terceira pessoa (como em 5:25–29). Jesus já tinha se referido a si mesmo como “Filho”, “Filho do homem” e “Filho de Deus”; aqui ele usou o enfático **Eu** (ἐγώ, *egō*). E repetiu a afirmação de 5:19 e 20, dizendo que **nada**

¹⁷Os defensores do pré-milenismo ensinam que haverá uma ressurreição dos justos e outra dos injustos, separadas por um período de mil anos.

¹⁸A palavra “hora” em 1 João 2:18 denota uma quantidade de tempo não especificada, e não uma última hora definida. Este não pode ser o uso em João 5:28; pois o termo “hora” teria que ser interpretado de modo a incluir dois eventos inteiramente diferentes, separados por mil anos.

podia **fazer de si mesmo**, ou seja, de sua própria vontade, mencionando, a seguir, sua obra de **juízo** como ilustração. Ele afirmou que o seu juízo ou julgamento era segundo o que ele tinha ouvido do Pai e, por isso, era justo. Jesus também enfatizou sua submissão ao Pai; ele procurava fazer unicamente **a vontade** daquele que o **enviou** (veja 4:34; 6:38).

Versículos 31 e 32. Os judeus concluíram corretamente que as declarações de Jesus em 5:19–30 equivaliam a fazer-se igual a Deus (veja 5:17, 18). Esse tipo de alegação exigia que houvesse testemunhos (ou testemunhas). “Testemunho”, termo que ocorre muitas vezes nos Relatos do Evangelhos – μαρτυρία (*marturia*) e μαρτυρέω (*martureō*) – é um tema predominante em João. Ele é observado pela primeira vez em relação a João Batista (1:7). Obviamente, era necessária uma validação para a alegação de Jesus de que ele era igual a Deus. O **testemunho** do próprio Jesus era insuficiente para confirmar suas declarações; a veracidade não é comprovada por quem faz a alegação a respeito de si mesmo. Este argumento foi apresentado contra Jesus pelos fariseus durante uma visita posterior a Jerusalém: “Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro” (8:13). É claro que o argumento deles não era sólido no caso de Jesus, porque ele era, de fato, a Divindade e tinha o testemunho conjunto do Pai (veja 8:14, 18).

A declaração de Jesus de que o seu testemunho sozinho **não é verdadeiro** deve ser entendida à luz do ensino da lei, que exigia duas ou três testemunhas (veja Números 35:30; Deuteronômio 17:6; 19:15). Portanto, quando Jesus disse que seu próprio testemunho a respeito de si mesmo não era verdadeiro, ele não quis dizer que era falso. Ele estava fazendo uma concessão às exigências do sistema jurídico judaico, que exigia testemunho sem nenhuma possível parcialidade.

Dando continuidade a esse pensamento, Jesus falou de uma testemunha independente: **Outro é o que testifica a meu respeito**. Jesus não identificou aqui quem seria esse “outro”; mas é claro que ele estava falando do Pai (5:37, 38) e não de João Batista (5:33–35), uma vez que ele não tinha necessidade de receber testemunho humano (5:34). A conscientização de sua missão e do seu relacionamento com o Pai não se fundamentavam simplesmente em suas próprias convicções. Por causa do testemunho do Pai, Jesus sabia que não falava por sua própria vontade. Mais adiante, ele diria isso

mais claramente:

Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo (12:49, 50).

Jesus não estava citando o testemunho do Pai por causa da oposição, mas sim para reforçar suas alegações a respeito de si mesmo. O testemunho do Pai era suficiente para assegurar a Jesus que seu **testemunho era verdadeiro**.

João Batista (5:33–35)

³³Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. ³⁴Eu, porém, não aceito humano testemunho; digo-vos, entretanto, estas coisas para que sejais salvos. ³⁵Ele era a lâmpada que ardia e alumiava, e vós quisestes, por algum tempo, alegrar-vos com a sua luz.

Versículos 33 a 35. Os judeus precisavam de mais testemunhas e Jesus atendeu essa exigência recorrendo ao testemunho de João Batista referente à verdade (veja 1:7). **Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho** (5:33) provavelmente se refere à delegação enviada pelas autoridades religiosas de Jerusalém para indagar acerca da natureza do ministério de João (1:19–28). No texto original, o pronome grego equivalente a “vós” (ὁμοίς, *humeis*) é enfático, comunicando a ideia de que “vocês mesmos tiveram uma testemunha”. O tempo perfeito nos verbos “mandastes” (ἀπεστάλκατε, *apestalkate*) e “deu testemunho” (μεμαρτύρηκεν, *memarturēken*) significa, de acordo com B. F. Westcott, que “os resultados da missão e do testemunho são permanentes. A ideia proeminente não é o fato histórico [1:32], mas o valor permanente e final do testemunho [1:34; 3:26; 5:37; 19:35]”¹⁹. O testemunho que João deu foi **da verdade**, que incluiu a identificação pública de Jesus como “a verdadeira luz”, “o Cordeiro de Deus” e “o Filho de Deus” (1:9, 29, 34).

O motivo por que Jesus apelou para o testemunho de João não foi a necessidade de um testemunho humano para validar suas alegações. Toda a seção de 5:19–30 enfatiza o relacionamento íntimo

entre Jesus e o Pai. Tudo o que Jesus disse e fez era por causa de seu relacionamento íntimo com o Pai. Se o próprio Deus tinha testificado em favor de Jesus, como o testemunho de João poderia acrescentar alguma autoridade às alegações de Jesus?

Evidentemente, Jesus estava falando tendo em vista seus ouvintes. João tinha vindo dar testemunho “da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele” (1:7). Crer em Jesus leva à vida espiritual (3:16; 20:30, 31), e Jesus recorreu ao testemunho de João Batista para que todos fossem **salvos** (5:34). A aceitação do testemunho de João, a quem tinham ouvido, desencadearia fé; e essa fé, por sua vez, levaria à salvação.

João 1:8 esclarece que João Batista “não era a luz, mas veio para que testificasse da luz”. Embora ele não fosse “a luz” (φῶς, *fōs*) – isto é, o Cristo – Jesus o descreveu como a **lâmpada** [λύχνος, *luchnos*] **que ardia e alumiava**, evidenciando a luz. Jesus disse: **E vós** [ὁμοίς, *humeis*; enfático] **quisestes, por algum tempo, alegrar-vos com a sua luz** (5:35). João era uma figura intrigante cuja pregação atraiu a muitos. As pessoas se alegraram com a boa notícia da chegada do reino e, ao mesmo tempo, temeram com a ameaça de julgamento para quem não se arrependesse. Se os judeus tivessem prestado atenção ao testemunho que João deu acerca da luz, poderiam ter desfrutado um pouco mais da “lâmpada que ardia e alumiava”.

As Obras de Jesus (5:36)

³⁶Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou.

Versículo 36. Por maior que fosse o testemunho de João Batista, Jesus tinha um testemunho **maior**, a saber, **as obras que o Pai lhe confiou para que ele as realizasse**. “As obras” representavam o testemunho do Pai, visto que foram dadas a Jesus pelo Pai. O termo “obras” (de ἔργον, *ergon*) significa “aquilo que se exhibe em qualquer tipo de atividade, ação, feito”²⁰. É uma palavra comum em João, que denota os milagres de Jesus (veja 5:20; 7:3, 21; 10:25, 32, 37, 38; 14:10, 11; 15:24). Apesar

¹⁹ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 89.

²⁰ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 390.

de Jesus se referir a seus milagres como “obras”, o apóstolo João empregou a palavra “sinais” (de σημεῖον, *sēmeion*) porque esses milagres apontavam para algo além de si mesmos. As obras foram sinais para aqueles que vieram a crer que Jesus era realmente enviado por Deus. As obras de Jesus eram as que o Pai o enviou para realizar. Embora incluam os milagres, “as obras” devem significar toda e qualquer atividade da parte de Jesus que visasse cumprir a vontade do Pai. Tudo o que Jesus disse e fez deve ser visto como uma contribuição para sua abrangente obra de redenção do mundo (veja 3:17).

O Pai (5:37, 38)

³⁷O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma. ³⁸Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.

Versículos 37 e 38. Jesus deixou o assunto do testemunho das obras que lhe foram confiadas pelo Pai para falar do testemunho do próprio Pai, que o enviou. O fato de o Pai já ter **dado testemunho** se reflete no uso do verbo no pretérito (μεμαρτύρηκεν, *memarturēken*). No entanto, Jesus poderia não ter em mente nenhuma ocorrência específica. É improvável que ele estivesse igualando o testemunho do Pai com as Escrituras, visto que elas são mencionadas separadamente em 5:39. Ele poderia estar fazendo uma referência geral a toda a obra reveladora do Pai até aquele momento, conforme observado por Leon Morris: “Toda a revelação do Pai desde o início preparou o caminho para a vinda do Filho. Uma vez entendida, essa revelação dá testemunho dele. Esse é o testemunho que significa tanto para Jesus”²¹. É mais provável que Jesus estivesse se referindo à voz que veio do céu três vezes durante seu ministério: após seu batismo (Mateus 3:17; Marcos 1:11; Lucas 3:22); na transfiguração (Mateus 17:5; Marcos 9:7; Lucas 9:35) e após a entrada triunfal em Jerusalém (João 12:28). Destas, a única possibilidade plausível para o presente estudo é a voz no batismo de Jesus, embora o Evangelho de João não mencione especifi-

²¹ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, pp. 290–91.

camente nem a voz (apenas a descida da pomba; 1:32), nem o batismo. Na época em que seu Evangelho foi escrito, os leitores de João provavelmente já conheciam os detalhes, sendo desnecessário incluí-los em seu relato.

Embora esse testemunho deva ter sido claro, Jesus não predisse que os judeus o reconheceriam, muito menos que lhe responderiam favoravelmente. Os judeus agiram com ignorância por três motivos, todos relacionados a Deus²². 1) Nunca tinham **ouvido a sua voz**. Moisés tinha ouvido a voz de Deus (Êxodo 33:11), mas aqueles líderes judeus não eram verdadeiros seguidores de Moisés; caso contrário, teriam ouvido a voz de Deus em Jesus (3:34; 17:8). 2) Nunca tinham **visto a sua forma**. Jacó (Israel) viu a forma de Deus (Gênesis 32:30); mas, novamente, se esses judeus fossem verdadeiros israelitas, teriam visto Deus em Jesus (14:9). 3) Não **tinham a sua palavra** permanente neles. O salmista guardava a palavra de Deus em seu coração (Salmos 119:11), mas esses críticos de Jesus não provaram da mesma experiência religiosa do salmista; de outro modo, teriam aceitado a palavra de Jesus (veja 17:14).

Também (ὅτι, *hoti*) introduz a prova da ignorância deles: **não** creram em Jesus, a quem o Pai **enviou**. Sem crer em Jesus, esses líderes religiosos não poderiam ter nenhum tipo de relacionamento significativo com Deus. A incredulidade também é o motivo pelo qual não tinham a palavra permanente neles. Aqueles que creem têm a palavra permanente e creem em Jesus.

As Escrituras (5:39–47)

³⁹Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. ⁴⁰Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida. ⁴¹Eu não aceito glória que vem dos homens; ⁴²sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus. ⁴³Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis. ⁴⁴Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único? ⁴⁵Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. ⁴⁶Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim;

²² *Ibid.*, p. 291.

porquanto ele escreveu a meu respeito. ⁴⁷Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?

Versículos 39 e 40. E como último testemunho a respeito de suas alegações, Jesus invocou as Escrituras. Visto que as Escrituras procedem de Deus, elas constituem outro aspecto do testemunho do Pai. Os judeus tinham grande amor e respeito pelas Escrituras; de fato, Jesus comentou o seguinte: **Examinai as Escrituras.** O verbo (ἐραυνάτε, *eraunate*) pode estar no modo indicativo, como na RA, ou no imperativo: “Examinai as Escrituras”. O contexto indica que essa flexão de ἐραυνάω (*eraunaō*) deve ser entendida no modo indicativo; Jesus não estava dando uma ordem, e sim descrevendo o que os judeus faziam. O verbo sugere um esforço cuidadoso ou completo em investigar as Escrituras. Jesus observou qual era a motivação deles nesse exame diligente: **porque julgais ter nelas a vida eterna.** “Os judeus consideravam seus estudos bíblicos um fim em si mesmo.”²³ O fato de ser essa a motivação dos judeus é sustentado pela literatura rabínica. O Rabino Hillel disse:

...quanto mais estudo da lei, mais vida; quanto mais erudição, mais sabedoria; quanto mais conselho, mais entendimento; quanto mais justiça, mais paz. Se um homem ganhou um bom nome, ganhou [algo] para si mesmo; se ganhou para si as palavras da lei, ganhou para si a vida no mundo vindouro.²⁴

De acordo com Jesus, nada nas Escrituras por si só vivifica, isto é, dá vida. C. K. Barrett nos lembrou que “a função do Antigo Testamento é precisamente o oposto daquilo que os judeus lhe atribuem. Longe de ser completo e capaz de vivificar em si mesmo, ele aponta para Jesus, exatamente como fez João Batista”²⁵.

Num outro sentido, as Escrituras são realmente vivificantes porque podem tornar o leitor “sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3:15). Por essa razão, somente aqueles que discernem que as Escrituras são sobre Jesus conseguem se chegar a ele. Jesus disse: **são elas mesmas que testificam de mim.** Merrill C. Tenney elencou dezoito referências inconfundíveis ao Antigo Testamento em João, e a maioria delas faz uma aplicação direta

a Cristo²⁶. João 5:39 e outras passagens alusivas ao Antigo Testamento – sem uma passagem específica em mente (1:45; 2:22; 5:45, 46; 20:9) – apontam para Jesus. As Escrituras do Antigo Testamento não vivificam em si mesmas; antes, direcionam o foco do leitor para além delas, para Jesus, o doador da vida (5:21). Os judeus, por mais que se esforçassem para examinar as Escrituras, **não queriam** – por causa da teimosia, arrogância e preconceito – **vir a Jesus.** Tinham perdido de vista o verdadeiro conteúdo das Escrituras e seu propósito, a saber, levar as pessoas a Cristo. Alguns morrem por falta de conhecimento (Oséias 4:6); aqueles judeus estavam morrendo por se recusarem a aplicar devidamente o conhecimento que haviam adquirido. Não que lhes faltasse conhecimento ou capacidade de compreensão; a dureza de coração era a ruína deles.

Versículos 41 a 44. Depois de afirmar que não precisava de nenhum testemunho “humano” (5:34), Jesus agora afirmou com o mesmo espírito: **Eu não aceito glória** [“louvor”; NCV] **que vem de homens** (5:41; veja os comentários sobre 1:14). Ele havia afirmado anteriormente que as obras a ele confiadas pelo Pai davam testemunho dele (5:36), e essas obras serviam como prova de sua glória (por exemplo, o sinal da transformação da água em vinho; 2:11). Jesus não estava interessado em agradar a homens, e sim somente ao Pai (5:19–30); por isso ele não buscava o louvor dos homens. Brown comentou: “No v. 18, os judeus protestaram que Jesus era arrogante em se fazer igual a Deus; mas a única alegação de glória de Jesus é que ele refletia a glória do Pai”²⁷.

A recusa de Jesus em aceitar louvor ou glória de homens está intimamente ligada ao conhecimento íntimo que ele tem da natureza humana. A declaração **sei** (5:42) significava não só que ele estava ciente de que aqueles oponentes **não tinham o amor de Deus** em seus corações (5:42), mas também que os conhecia com a percepção sobrenatural atestada em 2:24 e 25. O genitivo “de Deus” pode ser entendido como subjetivo (indicando que não eram amados por Deus) ou objetivo (ou seja, não tinham amor por Deus). A segunda opção é a mais plausível, pois “amaram mais as trevas do

²³ C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 267.

²⁴ Mishná, *Aboth* 2.7.

²⁵ Barrett, pp. 267–68.

²⁶ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 110. Tenney identificou 1:23, 41, 51; 2:17; 3:14; 6:31, 45; 7:38, 42; 10:34; 12:15, 38, 40; 13:18; 19:24, 28, 36; 20:9.

²⁷ Brown, pp. 228–29.

que a luz” (3:19). Por essa razão, rejeitaram a luz. Se houvesse amor a Deus em seus corações, teriam recebido aquele que foi enviado pelo Pai. O amor a Deus se manifesta na obediência a Deus (14:15), que inclui crer no Filho de Deus (1 João 3:23.).

Jesus veio em **nome de seu Pai** – isto é, com a autoridade do Pai, fazendo e dizendo tudo o que o Pai lhe confiou para fazer e dizer na terra (5:19–30). Contudo, ele disse àqueles ouvintes: **E não me recebeis**. O julgamento sobre os que rejeitaram o Messias, o verdadeiro enviado de Deus, foi que seguiriam falsos messias. Jesus disse: **se outro vier em seu próprio nome, certamente, o receberéis** (5:43). Ele provavelmente não tinha um indivíduo específico em mente. Muitos vulgos Messias são mencionados nos escritos de Flávio Josefo, desde o período neotestamentário – antes e após Jesus fazer esta afirmação (veja Marcos 13:6) – até a revolta judaica contra Roma e a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Três desses indivíduos são citados em Atos: Teudas, Judas e o egípcio (Atos 5:36, 37; 21:38). Bruce chamou a atenção para um indivíduo posterior que foi “um notável cumprimento dessa predição” no segundo século: Simeon ben Kosebah²⁸. Esse homem se apresentou como um messias da linhagem de Davi e liderou outra revolta contra Roma (132–135 d.C). Sua alegação foi apoiada pelo eminente rabino Akiba, que o via como a “estrela... de Jacó”, segundo a profecia de Baalão (Números 24:17). Ele recebeu o apelido de “bar Kokhba”, que significa “filho de uma estrela”; depois de, juntamente com seus seguidores, ser derrubado pelos romanos, os rabinos o chamaram de “bar Koziba”, que significa “filho da mentira”. Muitos supostos messias ou líderes foram aceitos pelo povo; no entanto, Jesus, o verdadeiro Messias, veio investido de toda a autoridade do Pai e foi rejeitado.

A razão pela qual os oponentes de Jesus foram tão ávidos por aceitar falsos messias e tão relutantes em aceitar o verdadeiro Messias se evidencia na próxima pergunta de Jesus: **Como podeis crer [em mim], vós os que aceitais glória uns dos outros...?** “Vós os que aceitais” traduz λαμβάνοντες (*lambanontes*), um participio causal. Receber ou aceitar glória dos homens foi o que os impediu de ter fé em Jesus. Se os judeus tivessem crido em Jesus, teriam ganho **a glória que vem do Deus único** (5:44). Nisto teriam renunciado à glória que

vem de homens, e era essa glória (louvor) que significava tanto para eles. A tragédia desses judeus, e de outros que têm o mesmo objetivo de buscar o louvor dos homens, é resumida mais tarde, em João 12:42 e 43:

...muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

Tendo amado mais a glória dos homens do que a glória de Deus, os acusadores de Jesus tinham pouco interesse naquele que entendia bem essa diferença e buscava apenas agradar ao Pai que o enviou.

Versículos 45 a 47. Depois de abordar a falta de entendimento dos judeus sobre o conteúdo e o significado das Escrituras em geral, Jesus citou os escritos de Moisés em particular. Disse ele: **Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança** (5:45). Jesus declarou que não seria ele quem levantaria acusações contra eles e denunciaria a incredulidade deles no tribunal de Deus. Afinal, Jesus não veio para condenar, mas para salvar (3:17). Outro cumpriria o papel de principal testemunha de acusação e, para a surpresa deles, seria alguém muito estimado por todos os judeus: Moisés. Jesus golpeou “os judeus” em seu ponto mais sensível. Eles justificam a recusa em crer em Jesus com a lealdade a Moisés [9:29], mas será justamente Moisés quem os condenará por não crerem²⁹. No passado, Moisés serviu diversas vezes como intercessor perante Deus em favor de Israel³⁰; agora, porém, ele serviria como promotor de justiça. “Acusa” (κατηγορῶν, *katēgorōn*) está no participio presente, uma forma verbal que expressa que aqueles judeus estavam continuamente sob a condenação de Moisés. Deus, por intermédio de Moisés, deu a lei a Israel, e eles dependiam da lei (veja Romanos 2:17); no entanto, a lei não salvava. Pelo contrário, a lei acusava os homens expondo-lhes a condição pecaminosa (veja Romanos 3:20; 5:20) e demonstrando que ninguém pode ser apresentado justo perante Deus sem a divina graça e misericórdia. A lei apontava para algo além de si mesma: Jesus, que veio para salvar.

²⁹ Brown, p. 229.

³⁰ Veja Êxodo 32:11–14, 25–32; Números 12:13; 14:19, 20; 21:7; Deuteronomio 9:18–20, 25–29.

²⁸ Bruce, p. 138.

Os judeus depositavam grande confiança nas Escrituras (veja 5:39). Eles examinavam as Escrituras zelosamente; e prestigiavam Moisés, o legislador, acima de qualquer um. Disse-lhes, então, Jesus: **Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito** (5:46). Nenhuma Escritura registrada por Moisés é especificada aqui. Jesus poderia estar se referindo a uma passagem como Gênesis 49:10, onde Moisés citou Jacó dizendo que “o cetro não se arredará de Judá... até que venha siló”³¹; ou Deuteronômio 18:15, onde Moisés disse: “O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás”. Recorrentes ecos desta última passagem ocorrem por todo o Evangelho de João (veja 1:21; 4:19; 6:14; 7:40, 52). Todavia, a declaração de Jesus poderia ter a intenção de ser mais geral. Edwyn Clement Hoskyns comentou:

...a referência é a todo o panorama das Escrituras do Antigo Testamento, agrupadas sob o nome de Moisés, porque são concernentes à lei de Moisés e porque sua figura domina toda a literatura judaica subsequente.³²

Fosse a alusão de Jesus específica ou geral, a acusação era a mesma: se os judeus tivessem crido em Moisés, teriam crido em Jesus. A incredulidade em Jesus estava baseada na rejeição de Moisés e dos profetas.

Os **escritos** de Moisés e seu testemunho das **palavras** de Jesus estão tão interligados que **crer** em um é **crer** no outro (5:47). Da mesma forma, rejeitar um é rejeitar o outro. Jesus disse que ele não veio para abolir a Lei ou os Profetas, mas para cumprí-los (Mateus 5:17). Jesus era o cumprimento da revelação de Deus ao seu povo. Não entender isto é descrito como não crer no que Moisés escreveu, e não crer em Moisés impedia os judeus de crer em Jesus. Westcott observou: “Se eles permitiram que o orgulho interferisse na aceitação do verdadeiro ensino de Moisés, mais difícil ainda seria admitirem o ensino de Cristo. O zelo exterior transformou-se em rebelião espiritual”³³.

As palavras que Jesus pronunciou nos versículos 45 a 47 concluem este confronto com as au-

toridades judaicas em Jerusalém. Guy N. Woods expôs este ponto de vista:

O confronto começou com uma tentativa da parte desses judeus de condenar Jesus por ter violado a lei do sábado ensinada por Moisés e terminou com Jesus os condenando por rejeitarem a lei e o legislador em quem depositaram sua esperança! O efeito foi tremendo!³⁴

De modo algum, foi esse o fim da oposição a Jesus. A hostilidade contra ele se intensificaria e culminaria na exigência dos judeus – ironicamente, com base na lei – de que Jesus “deveria morrer, porque a si mesmo se fazia Filho de Deus” (cf. 19:7).

APLICAÇÃO

As Testemunhas da Divindade de Cristo (Cap. 5)

A eternidade depende da pergunta: “Quem é Jesus?” João 5 responde essa pergunta, afirmando que Jesus é Deus. A seguir, esse capítulo fornece as evidências ou provas na forma de cinco testemunhas que testificam sua divindade. Devemos decidir se permitiremos ou não que essas provas determinem a nossa opinião sobre Jesus. Podemos dividir este capítulo em três seções, cada uma introduzida por uma pergunta.

Em primeiro lugar, o que aconteceu para propiciar a alegação de Jesus? O próprio Jesus fez a alegação que o levou a mencionar as testemunhas de sua divindade. Começamos analisando o cenário em que Jesus fez essa alegação.

Em 5:1–18, Jesus estava em Jerusalém para uma festa. Lá ele encontrou um homem, paraplético havia trinta e oito anos, deitado junto ao tanque de Betesda. Os judeus acreditavam que, esporadicamente, um anjo agitava as águas do tanque e, nessa hora, o primeiro doente que entrasse no tanque era curado. Por conta disso, muitos parapléticos, cegos e enfermos ficavam ao redor do tanque, esperando que a água se agitasse.

Jesus perguntou ao paraplético se ele queria ser curado. A resposta do homem foi que não tinha quem o colocasse no tanque; por isso, ele nunca conseguia ser o primeiro a entrar na água na hora certa, não podendo ser curado. Jesus, então, ordenou ao paraplético: “Levanta-te, toma o teu leito e anda” (5:8). Imediatamente, o homem foi curado. Ele “tomou o seu leito e pôs-se a andar” (5:9).

³¹ “Siló! (שִׁלּוֹ) é geralmente interpretado como um título messiânico.

³² Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 276.

³³ Westcott, p. 92.

³⁴ Woods, p. 114.

Todavia, o dia em que Jesus curou o homem era um sábado, e o homem teve problemas com as autoridades judaicas por ter carregado seu leito naquele dia de descanso. Mais tarde, ele informou a esses líderes que era Jesus quem o havia curado. Então, os líderes judeus passaram a perseguir Jesus “porque fazia estas coisas no sábado” (5:16).

Jesus respondeu às críticas dos líderes judeus dizendo: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (5:17). Os críticos de Jesus entenderam, com essa declaração, que Jesus estava “fazendo-se igual a Deus” (5:18).

Em segundo lugar, o que Jesus alegou? Jesus fez algumas alegações extraordinárias a respeito de si mesmo em 5:19–30. Ele alegou ser divino da mesma forma que Deus é divino. Quando seus críticos disseram que, ao chamar Deus de Pai, Jesus “se fazia igual a Deus”, estavam dizendo a verdade. Hoje, nós podemos chamar Deus de “Pai”, mas Deus não é “nosso Pai” da mesma forma que ele é Pai de Jesus. Jesus falou de si mesmo como sendo a Divindade da mesma forma que Deus é a Divindade. 1) Jesus disse que fazia exatamente o que viu o Pai fazer, “semelhantermente”, igualando-se a Deus (5:19, 20). 2) Porque era “igual a Deus”, disse que poderia ressuscitar os mortos ou vivificar os homens tal como Deus (5:21). 3) Jesus disse que o Pai lhe confiou a tarefa de julgar o mundo (5:22, 27–29). 4) Ele sinalizou que merece a mesma honra atribuída a Deus (5:23). 5) Ele afirmou ter “vida em si mesmo”, tal como Deus (5:26). A vida de Jesus não procedia de uma fonte externa; ele próprio é a essência da vida. 6) Ele disse que fazia a vontade de Deus, que o enviou (5:30).

Além disso, Jesus deixou implícito que é preciso crer que ele é igual a Deus para sermos salvos: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (5:24). Jesus não afirmou que ele dá salvação tanto quanto outros (Confúcio ou Maomé, por exemplo) dão. Ele afirmou ser o único meio de salvação.

Que tipo de Jesus é retratado nesta passagem? Ele se tornou um homem, um ser humano real – não apenas um espírito que parecia ser homem. Ao mesmo tempo, ele continuou a ser verdadeiramente Deus – não apenas um mero homem que fazia a vontade de Deus com excelência. Ele também é o único Salvador – não apenas o autor de uma religião entre muitas que podem nos guiar ao céu. Além disso, Jesus será o Juiz de toda a terra!

Ele não é apenas um amigo gentil e agradável que não se preocupa se seus seguidores de fato lhe obedecem ou não.

Em terceiro lugar, quais testemunhas testificam a veracidade da alegação de Jesus? Jesus estava fazendo uma alegação extraordinária. De fato, ela é única na história bíblica. Haveria algo que fundamentasse essa alegação? Que evidências comprovariam que Jesus é realmente divino? No restante do capítulo, Jesus mencionou cinco testemunhas da sua divindade (5:31–47).

1. O próprio Jesus (5:31, 32). Em 5:31, quando Jesus começou a apresentar as provas da sua divindade, ele admitiu a necessidade de uma pluralidade de testemunhas. Ele, de fato, afirmou que se fosse o único a dar testemunho de si mesmo, seu testemunho poderia ser inválido. No entanto, ele acrescentou que outra testemunha testifica a respeito dele, e esse testemunho é verdadeiro. Presumivelmente, ele se referia a Deus (como em 5:37, 38). Era como se dissesse: “Se vocês não creem em mim por causa do que eu digo, então deveriam crer em mim por causa do que Deus diz”.

Jesus, no mínimo, deixou implícito que ele dava testemunho de si mesmo. Ainda que muitos ao seu redor invalidassem seu testemunho, nós o aceitamos porque sabemos que tipo de pessoa ele é. Sabemos que ele era justo e honesto, e esse tipo de pessoa não conta mentiras. Posteriormente, ele afirmou: “Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou” (8:14a).

2. João Batista (5:33–35). Jesus acrescentou que João deu testemunho acerca dele. Os judeus enviaram sacerdotes e levitas para perguntar quem era João (veja 1:19–28), e João respondeu que estava ali para preparar o caminho para o Cristo. Mais tarde, ele testificou que Jesus era “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” (1:29; veja 1:36).

O testemunho de João foi impressionante porque os judeus o reconheceram como profeta. O testemunho de João, por si só deveria ter provado aos judeus que Jesus era o Cristo. No entanto, Jesus disse que o testemunho mais significativo a respeito dele não vinha “do homem” – nem de João Batista –, mas, segundo o que ele deixou implícito, do próprio Deus (5:34).

3. As obras de Jesus (5:36). Uma terceira testemunha da divindade de Cristo foram as obras que ele realizou. Ele disse: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que

o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou” (5:36). Mesmo que se recusassem a ouvir o testemunho de Jesus acerca de si mesmo, e não quisessem ouvir o testemunho de João Batista a respeito de Jesus, os líderes judeus ainda poderiam saber que Jesus dizia a verdade sobre si mesmo observando suas obras. Os “sinais” que Ele realizou apontavam para a sua divindade.

Dos muitos milagres que Jesus operou, o Evangelho de João registra sete (além da própria ressurreição de Jesus e da pesca miraculosa). O escritor observou que eles foram escritos (e sem dúvida realizados) para que cressem que Jesus é o Filho de Deus. Ele prosseguiu dizendo que aqueles que cressem nesse testemunho teriam “vida em seu nome” (20:30, 31). Esses milagres foram demonstrações poderosas da divindade de Jesus. Por causa deles, muitos creram. Eram sinais inquestionáveis! Até os inimigos de Jesus tiveram de admitir que ele realizou milagres (veja 11:47).

Nós, assim como os que viram Jesus face a face, devemos decidir quem é Jesus. Diante dessa questão, devemos ter em mente que Jesus curou os enfermos, deu visão aos cegos, transformou água em vinho, multiplicou pães e peixes, andou sobre as águas e ressuscitou mortos! Quem é capaz de fazer essas coisas? Nenhum homem comum tem esse poder! Só aquele que é divino, o Filho de Deus, pôde realizar esses feitos.

4. Deus Pai (5:37, 38). Jesus testificou em favor de si mesmo, João Batista prestou testemunho acerca de Jesus e as obras de Jesus provaram sua divindade. Além disso, o próprio Deus deu testemunho do fato de que Jesus era seu Filho unigênito. Jesus já havia insinuado esse fato anteriormente, em 5:32 e 34. Agora, ele deixou explícito o que havia antes só havia insinuado: “O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim” (5:37a).

Jesus prosseguiu afirmando que ele era diferente dos líderes judeus. Eles não tinham nem ouvido nem visto a Deus. A palavra de Deus não era permanente neles porque se recusaram a “crer naquele que [Deus] enviou” (5:37b, 38). Em outras palavras, quando rejeitaram Jesus como o Filho de Deus, rejeitaram o próprio Deus e sua palavra, pois Deus testificou da veracidade das alegações de Jesus.

Como Deus testificou que Jesus era seu Filho? Segundo declarou Jesus em 5:36, Deus testificou

da natureza divina de Cristo capacitando-o para operar milagres. De fato, a vida e os ensinamentos de Jesus podem ser considerados o testemunho de Deus acerca da divindade de Jesus, pois Deus enviou Jesus e deu-lhe sabedoria e poder evidentes em sua conduta.

Além disso, os Relatos do Evangelho registram que Deus, em várias ocasiões, testificou verbalmente do fato de que Jesus era seu Filho. Especificamente, quando Jesus foi batizado (Mateus 3:17), e novamente quando ele foi transfigurado (Mateus 17:5), Deus falou do céu e testificou que Jesus era seu Filho. Após a entrada triunfal, Deus falou mais uma vez do céu, quando Jesus orava. Lemos que Jesus orou: “Pai, glorifica o teu nome”. Então, veio uma voz veio do céu: “Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei” (12:28). Em todas essas ocasiões, Deus Pai testemunhou pessoalmente acerca da divindade de Jesus.

Visto que Deus deu testemunho da divindade de Cristo, parece estranho que alguém hoje a rejeite. Quem duvida que Jesus era divino questiona a veracidade de Deus.

5. As Escrituras e Moisés (5:39–47). Jesus adicionou mais uma testemunha à lista daqueles que testemunharam acerca dele em 5:39. Disse ele aos que o criticavam: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim”. Alguns versículos depois, ele declarou:

Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creeréis nas minhas palavras? (5:45–47).

Jesus equiparou “as Escrituras” e “Moisés”, pois Deus deu a lei a Israel por intermédio de Moisés. Os judeus dependiam dessa lei para ter esperança de vida eterna. Jesus reconheceu que os judeus eram muito zelosos em examinar as Escrituras. E eram mesmo. Os rabinos judeus eram bem versados no que o Antigo Testamento ensinava.

No entanto, Jesus prosseguiu denunciando que eles não conseguiram entender o que as Escrituras ensinavam sobre ele. Então, afirmou que o Antigo Testamento em geral, e as palavras de Moisés em particular, falavam dele. Os mestres judeus ignoraram, rejeitaram, interpretaram mal e aplicaram mal as Escrituras porque não conseguiram ver

Jesus Cristo retratado nelas.

Que passagem ou passagens específicas do Antigo Testamento Jesus tinha em mente? Poderia ser qualquer uma das várias Escrituras. O Novo Testamento está repleto de citações do Antigo Testamento que apontam para Jesus. Talvez Jesus estivesse pensando especialmente em Deuteronômio 18:15, onde Moisés disse: “O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás”. Esta era uma profecia que os judeus esperavam que se cumprisse. É por isso que eles estavam esperando que o “profeta” semelhante a Moisés viesse ao mundo.

Jesus estava dizendo que, se eles tivessem examinado o Antigo Testamento (essa predição, bem como outras) com mentes abertas, teriam reconhecido que Jesus é o Messias. Eles precisavam comparar as Escrituras com as evidências a respeito de Jesus – o que ele disse e fez, bem como o que outros (incluindo Deus) disseram sobre ele. Se o fizessem,

chegariam à conclusão de que ele não era apenas o Messias que eles estavam esperando, mas também o Filho de Deus! Porque tinham a mente fechada, recusaram-se a aceitar as evidências fornecidas por Moisés e por outras Escrituras. Consequentemente, recusaram-se a aceitar Jesus Cristo como Senhor.

Conclusão. O que devemos concluir com base no que essas cinco testemunhas dizem sobre Jesus? Tudo o que Jesus afirmou sobre si mesmo é verdade! Embora ele fosse verdadeiramente humano, também era divino, tendo a mesma natureza de Deus. Ele é o único Salvador que o mundo terá e um dia ele julgará toda a humanidade!

Você aceitará o depoimento dessas cinco testemunhas? Ouça essas testemunhas, aceite os testemunhos delas e creia em Jesus Cristo. Se você fizer isso, e unir sua fé a atos de obediência à vontade de Deus, poderá ser salvo e ter vida eterna (5:24).

Coy Roper

Autor: David Lipe
© A Verdade para Hoje, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS